

ENTREVISTA A CARLOS FERREIRA E LUÍS FERREIRA

27 de Julho de 2017

ENTREVISTADO: Carlos Ferreira e Luís Ferreira (Sr. Fitas)

Carlos Ferreira – Estes barcos...comecei a trabalhar nesses barcos.

Centro de Mar – Estes então foram...

Carlos Ferreira – Fui o primeiro, foi o primeiro início de trabalhar por minha conta, foram estes barcos...

Centro de Mar – Então estes eram os antigos barcos...

Carlos Ferreira – Estes já são modernos...

Centro de Mar – Pois, pois...

Carlos Ferreira – Mas é deste tipo que os antigos eram todos em madeira e estes são contraplacados, de madeira, mas madeiras impressadas, agora antigo só tenho ali um... é este que está aqui...

Centro de Mar – Dos que iam buscar o vinho ali...

Carlos Ferreira – Os maiores, os maiores...que eram os barcos que iam buscar e levavam daqui para cima as feirantes para Ponte de Lima e depois seguiam a viagem ia a Ponte da Barca, carregar vinho, carregar milho, carregar essas coisas todas para trazer...madeira...para aqui para Viana e eu trabalhei nesses barcos, e depois pronto, comecei a fazer aqui a vida, comecei a trabalhar em barcos maiores...

Centro de Mar – As traineiras?

Carlos Ferreira – As traineiras, comecei a trabalhar...está aqui um exemplo, um exemplo está aqui, eu não sou nenhum carpinteiro de...só concerto, sou um carpinteiro de fazer construções, a ultima que nós fizemos foi o freirinha há 10 anos foi a última e...no país, construções em madeira acabaram, mas

também, não à apoios de ninguém, nós aqui em Viana temos os nossos autarcas que deviam defender a nossa arte, que é uma arte artesanal, é uma arte que está em distinção, eu tenho o meu filho que vai seguir, mas não vejo ninguém que queira seguir, mas não, os nossos autarcas querem destruir, acabar com a construção naval em Viana do Castelo.

Centro de Mar – As outras duas oficinas também fecharam...

Carlos Ferreira – Mas é, os próprios autarcas querem acabar com a construção Naval em Viana do Castelo, nós estamos aqui porque insistimos, porque eles querem tirar-nos daqui para fora, a Câmara de Viana, ainda há pouco tempo recebi cartas para demolir e para sair daqui para fora e eu digo, “Para onde vou?”, trabalhar 40 e tal anos e para onde vou... seja eu, seja o meu filho não é... para o Monte de Santa Luzia? Para o Monte de Galeão? Não me dão soluções... o que interessa é que temos que sair daqui, julgam que o que está aqui está ilegal, mas isto que está aqui está tudo legal, a Câmara de Viana tomou conta desta zona aqui da ponte metálica à Ponte Nova há meia dúzia de anos e eu estou... isto foi-me cedido pelo IPTM há 40 anos, não temos nada a ver com a Câmara e hoje a Câmara aparece que nós temos de tirar daqui, você veja, mas isto é o quanto essas pessoas querem acabar com a Construção Naval, uma arte tão bonita...

Centro de Mar – Nós é ao contrário, nós ali pretendemos preservar e daí esta entrevista... queremos conhecer um bocadinho melhor como isto funciona...

Carlos Ferreira – Mas eles não, pronto, isto é assim... nós funcionamos... estamos à espera... este é o ponto... nós lutamos, estamos sempre a lutar contra a maré, mas eles, por enfim, porque querem passar... eu tenho de dizer o que é a realidade, querem passar aqui com uma ciclovia e a ciclovia talvez dê mais lucro ao Estado do que damos nós que pagamos os nossos impostos durante todos os anos e não pagamos poucos e a ciclovia, as bicicletas se calhar andam mais que nós... não sei o que eles pagam, isto é o fim, isto é o princípio do fim... a construção naval... foi uma arte que sempre gostei, fiz muitos barcos, grandes, pequenos e hoje não se faz porque não à incentivos do próprio Estado... fazia-se, mas ninguém tem meio milhão de

euros para fazer um barco, madeira, alumínio ou ferro, ninguém tem, não à um armador que não tem meio milhão de euros para fazer um barco...

Centro de Mar – E a pesca hoje em dia...

Carlos Ferreira – A pesca como esta sempre a cortar, estão sempre a cortar para trás...não tem incentivo, vai indo assim e a gente vai estando parado...

Centro de Mar – Mas quando começou era diferente...

Carlos Ferreira – Sim, era diferente, eu gastava 100 toneladas por ano, eu hoje, se calhar não gasto 1 tonelada de madeira por ano, eu cortei há três anos 11 toneladas de madeira e serrei um pau com 11 metros cúbicos de madeira exótica e tenho ali quase metade da madeira, isto é assim e vai se acabando, não se faz...

Centro de Mar – E quando começou montou logo aqui a oficina?

Carlos Ferreira – Montei ali, daquele lado...aquilo que está ali tem 44 anos, foi ali que comecei a água... é por isso que eu digo, agora a Câmara de Viana vem buscar, porque não tem água sabe, porque o rio não invade isto, porque há 44 anos eu trabalhava ali e quando a maré enchia eu trabalhava de calças arregaçadas ou de botas de água, ninguém queria saber disto, mas agora querem saber, porque querem acabar com o que resta da construção naval...eles querem acabar, os autarcas daqui de Viana querem acabar com a construção naval em Viana do Castelo, não quisemos fechar, não havia trabalho e nós fomos aguentando, fomos aguentando e estamos aqui mas agora não é por nós querermos fechar que... não nos dão apoio, poem-nos problemas, criam-nos dificuldades, trinta por uma linha e a gente, acabamos por ficar desanimados mas vamos lutando, o meu filho é um jovem, tem 37 anos, tem a vida pela frente é um jovem que vai seguir o futuro do pai, hoje não à madeira mas se aparecer ele faz, ele faz, sabe fazer e querem acabar com isso e o exemplo está aqui, é este o exemplo...eu vou fazer uma série de 4 barcos destes para por em exposição, o que é a construção naval, mas é para mostrar aos nossos autarcas que a construção naval ainda existe e à quem saiba trabalhar, está aqui, feito por mim, em miniatura...com escala com tudo, está aqui feito para as pessoas verem e agora vou fazer mais e depois vou

fazer uma exposição e eles querem acabar com isto que é bonito...e é assim, nós vamos andando...

Centro de Mar – E recuando outra vez ali, eu queria conhecer um bocadinho da história e também para isto ficar registado para que isto não desapareça ou se infelizmente um dia desaparecer para ficar com essa memória, quando começou, começou sozinho?

Carlos Ferreira – Sozinho...eu fiz um barco de 12 metros e meio, uma gasolina, pronto, há quem chame... construção naval tem barcos, uns são mais pequenos chamavam-lhes as motoras e depois chamavam uma gasolina e depois uma traineira, porque é que punham o nome traineira...a traineira era um barco que pescava sardinha e então tinha o nome de traineira, está a perceber, como o arrastão, o arrastão tem o nome de arrastão porquê? Porque arrasta com uma rede...

Centro de Mar – E a traineira já agora?

Carlos Ferreira – A traineira era uma rede de...que trabalha...

Centro de Mar – Ahh é um nome??

Carlos Ferreira – É o nome da traineira, é por isso que lhe dão o nome...motor ou gasolina, é um barco que vai à pesca com o anzol ou redes de mealhar e assim sucessivamente, todos os nomes específicos... eu comecei a trabalhar, tinha para aí 25 anos, tive um acidente e parei assim um pouco, acidente aqui de trabalho e tinha uns barcos a construir 12 metros e meio...

Centro de Mar – Mas foi o primeiro barco?

Carlos Ferreira – Foi o primeiro barco que eu fiz...

Centro de Mar – Lembra-se do nome?

Carlos Ferreira – Trevo do Mar...

Centro de Mar – Trevo do Mar? Muito bem

Carlos Ferreira – Trevo de Mar, não tinha máquinas, foi tudo manual, tudo, tudo serrado à mão, não foi nada com máquinas elétricas, foi tudo manual...

Centro de Mar – Quanto tempo demorava a fazer um barco desses? Meses? Anos?

Carlos Ferreira – Anos, 4 ou 5 anos, também era sozinho aquilo montava em peças e depois quando eram aquelas peças mais pesadas, pedia a um amigo para me deitar uma mão àquela peça e punha e andava assim sucessivamente. Fiz esse barco e depois fiz outro barco, apareceu-me outro, mais pequeno até 11 metros e meio...foi o... foi para a Póvoa, foram os dois para a Póvoa, foi o...a ver se me vem à ideia, foi o Senhor de Resgate, foi para a Póvoa, para esse armador fiz dois barcos, foi o Senhor do Resgate, 11 metros e meio...

Centro de Mar – E funcionários não tinha?

Carlos Ferreira – Cheguei a ter aqui um moço que trabalhava comigo, ainda esteve aqui há dias comigo, trabalhou 10 anos comigo, era muito jeitoso mas depois porque ganhava pouco...era assim mesmo, naquela altura já era um homem, hoje tem 51 ano, nós também não dava para dar muito dinheiro porque eu também trabalhava aqui...e depois mudou... e depois pronto, comecei outra vez sozinho e depois foi quando veio o meu filho, trabalha aqui à 21 anos...

Centro de Mar – Isto construir um barco imagino que tem que se lhe diga, não é...como é que aprendeu isto?

Carlos Ferreira – Eu aprendi nesse estaleiro, conhecido lá em baixo no salva vidas em Viana à beira do salva vidas, o dono do Estaleiro, o construtor era o Sebastião, fui para lá com 12 anos e foi lá que aprendi a marcar, a trabalhar, a riscar, não é só fazer, isto tem risco, hoje facilita mais o construtor, mas naquela altura que eu trabalhava não havia quem fizesse desenho da construção naval, o Estaleiro de Viana do Castelo foi montado em 1950 e qualquer coisa e o primeiro projeto que fizeram lá de barco foi passado 5 ou 6 anos do Estaleiro estar a funcionar, apareceu um projetista da construção naval, um gajo que quis aprender e começou a fazer...

Centro de Mar – Aqui então faziam...

Carlos Ferreira – Fazíamos com uma maquete, com uma...barco...depois dali tirava-se pontos e íamos para uma sala grande com umas chapas e riscávamos ali, hoje não, hoje não, hoje temos um plano geométrico, temos um plano geral que faz...agora chegamos aqui, pega no plano e olho para o plano e...risco tudo...tiro as peças...é feito tudo em peças, isto que está aqui...estas peças todas, isto que você vê, são cabeços, tem nome de cabeços, depois aqui em baixo onde está a quilha são...tem a caverna, primeiro começa a crescer depois tem o primeiro, a seguir da caverna tem o primeiro, chamamos nós o primeiro, depois tem o segundo e depois tem o cabeço...primeiro, segundo e cabeço...tem essas peças todas, começamos a tirar e fazemos isso tudo, em peças, não levamos moldes nem nada, vamos tirando e as peças batem mais ao menos certas, 99% certas, e a gente começa a acertar, com vê, este barquinho pequenino que é igual a um barco dos grandes, tudo direitinho, tem todas a peças, foi tudo feito com escala, tudo com escala, por exemplo, estas pecinhas que você vê aqui tem nome, são paus... e isto é... e isto uma tabica, isto que está aqui é uma sobrequilha, isto são longarinas, são... tudo peças, tem tudo nome específico, tudo específico, nomes certinhos, e foi assim que eu aprendi, a minha força de vontade e ainda hoje gosto, continuo a gostar, a minha paixão é trabalhar em madeira...

Centro de Mar – Pois, o seu filho disse que estava reformado...

Carlos Ferreira – Continuo aqui, mas a minha paixão é madeira, vou ajeitar este barquinho, não é o meu filho que o vai ajeitar, sou eu, tenho paciência para ajeitar, um barco que tem para aí 100 anos, veio lá dos quintos de França para eu ajeitar...

Centro de Mar – Olhe a nível de encomendas? Inicialmente trabalhava só com Viana , para fora?

Carlos Ferreira – Não, não...trabalhava para todo o lado, mais aqui para a nossa zona...

Centro de Mar – E em média assim...costumava construir embarcações de quanto em quanto tempo?

Carlos Ferreira – Quando eram barcos assim dos pequenos fazia à volta, num ano, para aí 10, 8, 10 conforme, quando não aparecia, quando tinha reparações parava, ia para as reparações e parava com as construções novas, agora dos grandes, das gasolinas, desses não...7 ou 8 barcos grandes, um vem agora, vem amanhã, vai para o sítio de onde ele nasceu, vem para reparar, com 15 metros...

Centro de Mar – Um traineira?

Carlos Ferreira – Uma traineira...não, não um motor...não pesca sardinha é outro peixe...

Centro de Mar – Mas á alguma distinção a nível de embarcação, alguma diferença?

Carlos Ferreira – A traineira é um barco de pesca à sardinha...

Centro de Mar – Mas fisicamente...

Carlos Ferreira – Quase todas as mesmas características mas o nome dele é a pesca à sardinha é por isso que se chama a traineira, isto é assim, eu trabalhava nesse senhor, o Sebastião, “olha chegou uma traineira carregada de sardinha”, mas quando chegava um barco dos outros já “olha uma gasolina do mar carregada de peixe”...era diferente, muito diferente...

Centro de Mar – E traineiras, quantas construiu?

Carlos Ferreira – Traineiras nunca construí nenhuma...

Centro de Mar – Ou barco a gasolina...

Carlos Ferreira – Nahh...

Centro de Mar – Assim um barco grande...

Carlos Ferreira – Barcos grandes, esse que vem para aí tem 15 metros e 60...

Centro de Mar – E ao longo da sua atividade quantos...

Carlos Ferreira – Construi 2 desses de 15 metros e 60, foram dois...

Centro de Mar – E esse aí quanto tempo demorava?

Carlos Ferreira – O primeiro que fiz não levou muito tempo, 2 anos e depois o outro...

Centro de Mar – Leva motor, leva...

Carlos Ferreira – Tudo, prontinho, prontinho...pronto a sair daqui, o homem meter redes e pescar, motor, tudo pronto a trabalhar, e depois outro que fiz, levou menos, 1 ano e meio, também fui eu e o meu filho, depois paramos porque não apareceu mais e depois fizemos o freirinha, é um barquinho pequeno de 10 metros, foi feito aqui dentro mas é um barco muito...curto mas é muito largo...para andar à pesca em alto mar e foi o último barco que se fez no nosso País em madeira...

Centro de Mar – Agora é tudo...

Carlos Ferreira – Tudo ferro ou fibra ou alumínio, nós também fazemos quando aparece...agora nem fibra nem alumínio, nem ferro, morreu tudo...

Centro de Mar – Já ninguém quer ir para a pesca...

Carlos Ferreira – Mas olhe que lhe vou dizer uma coisa...as pessoas se fizerem as contas bem feitas, é uma vida arriscada, mas hoje à eletrónicos para o mau tempo e essas coisas, só vão para o mar, só vão para a morte às vezes porque facilitam...porque de resto eles sabem tudo...e, este barquinho que está aqui...não digo quanto é....

Centro de Mar – Sim, sim, também não vim cá para saber isso...

Carlos Ferreira – Mas ganhasse muito dinheiro, as pessoas é que...

Centro de Mar – Hoje em dia também há mais profissões, não é, antigamente havia menos...

Carlos Ferreira – Mas você vai trabalhar para um empreiteiro vai ganhar 550 euros...e eles 550 euros se calhar ganham numa semana...e chegam ao fim do ano e dizem que não ganham nada...

Centro de Mar – Mas isso são outras conversas...mas diga-me uma coisa para construir um barco destes quais são os passos? Como é que isto começa?

Carlos Ferreira – Tenho de fazer o projeto, em antes até de fazer o projeto mandam um pedido à Direção Geral das Pescas para construir um barco...

Centro de Mar – Tem que ser legalizada a construção...

Carlos Ferreira – E depois diz assim...eles respondem ou então a pessoa que quer construir o barco diz assim, “olhe eu tenho este barco com esta medidas...para dar abater essa nova construção”...e depois eles lá dizem assim, “é viável ou não viável”...

Centro de Mar – Aí podem ou não autorizar a construção do barco...

Carlos Ferreira – A capacidade que dá barcos não chega para a capacidade de barco que ele quer fazer, é um pouco isso, por exemplo, nós fizemos um pedido de um barco que temos ali, para fazer um barco novo sobre aquele...aquele era para abater e mandamos aquele, mandamos o outro e já está lá há um ano e ainda não nos deram resposta...

Centro de Mar – Portanto à um número de barcos que podem...

Carlos Ferreira – Só podem fazer...só dão construções a fazer...mas dar contrapartida, acabam aqueles...se você quer um barco de 20 toneladas tem que mandar para abate à volta de 20, 18 ou 19 mais ao menos eles dão, se não der isso eles...não dão...

Centro de Mar – E agora tendo autorização...

Carlos Ferreira – Tendo autorização metesse...mandasse fazer projeto, ao projetista, o projeto vai para a direção geral das pescas, é aprovado ou não aprovado, mas se eles aceitarem a construção quando foi pedida com aqueles barcos que dá para abater normalmente vem sempre aprovado com salvaguarda com certas coisas que eles pedem, isto mais isto...um gajo no fim da construção tem de ter essas coisinhas feitas, todas, por exemplo, os barcos tem de ter casa de banho...quem que ter camarotes, tem de ter isto...pedem essas coisinhas todas...

Centro de Mar – Já tem de ter isso no projeto?

Carlos Ferreira – Isso já vai tudo no projeto, nós já mandamos isso no projeto, depois vem assinado ou não assinado...depois vêm da Direção Geral das

pescas e vai as Pescas Gerais dos Navios que é o IPTM, e depois esse ainda tem uma palavra a dizer e depois então é que segue a construção...

Centro de Mar – Pronto, começa aqui o trabalho e etapas então que segue para chegar a um barco daqueles...

Carlos Ferreira – Chegamos ao armador, fazemos um contrato de trabalho para pagamentos, no início da obra, x por cento, a meio da obra e ao fim da obra...se não entrar para o trabalho, é assim que a gente trabalha, nesse sistema, eu nunca trabalhei assim, mas normalmente agora é assim...eu fazia, fazia, tinha uma vida mais ao menos estável...nunca ninguém levou daqui sem pagar, quando chegava ao pronto, vinha para cá o dinheiro se não... mas hoje já não, hoje ou 3 ou 4 vezes pagamentos, feito no início quando se monta a quilha, quando vai, chamamos nós em qualquer arte, até na construção civil, um gajo monta o pau para o ar, eles tem de dar logo ali 40% do valor do barco...

Centro de Mar – E agora para a construção em si, disse-me que começa na quilha...

Carlos Ferreira – Começa por aqui, é isto aqui...a quilha, por aqui fora e o cadastro, isto é por onde começa...

Centro de Mar – E trabalha tudo...fazendo as peças, tudo aqui...

Carlos Ferreira – Depois é as cavernas, depois é isto, começa por aqui, depois anda por aqui, por aqui fora...e depois de estar as cavernas todas no sítio começa por as escoas, são estas peças que estão aqui e os dormentes que estão aqui dentro, começa por aí, depois de estar isso feito, posto os dormentes e as escoas começam os ... é isto que está aqui, depois dos...começa estas pecinhas que tem nome, meias latas, estas pecinhas por aqui fora, depois de estar isso tudo no sítio começa esta peça que encaixa aqui, chamasse tabicas, depois de ter as tabicas no sítio...então vamos aqui para fora, leva esta tábuia, que também tem nome, é a tábuia de boca e leva a cinta, que é esta cinta e leva o valete que é esta peça que está aqui, depois pronto começa-se a meter o resto, depois quando tiver meio custado e assim como está este barco tem que se pedir vistoria à Direção Geral das pescas,

agora hoje é o IPTM, vem o Engenheiro ver como ficaram as grossuras da madeira se estão em conformidade com o projeto e ver se as medidas estão certas e depois de fazer a vistoria até o fim segue-se o barco até ao fim para a última vistoria, depois segue-se o barco todo para fazer...

Centro de Mar – E a parte mecânica?

Carlos Ferreira – A parte mecânica, é o motor, hoje fazemos nós, na altura não fazia, levava ao mecânico, vinha fazer isso já...não era comigo, hoje não, hoje já fazemos, a parte do motor ficava aqui dentro...

Centro de Mar – E o resto dos aparelhos...

Carlos Ferreira – Era com um especialista da eletrónica, já vinha um técnico montar a parte da eletrónica...

Nuno Cruz – Agora já fazem essa parte...

Carlos Ferreira – Não fazemos, essa parte não fazemos, isso são partes específicas, nós pomos o barco a navegar, a andar, agora a...não pomos...

Luís Ferreira – A parte eletrónica não pomos...

Centro de Mar – É como numa casa, vem o electricista...

Luís Ferreira – O trabalho é idêntico...

Carlos Ferreira – Um trolha faz tudo, depois vem o electricista e depois o carpinteiro...

Luís Ferreira – É um bocado por aí...

Carlos Ferreira – Agora isto é assim, é como eu digo, como estávamos a dizer, nós aqui não vamos a lado nenhum em Viana do Castelo...

Luís Ferreira – Vamos vendo, eu tenho um pedido na Câmara já há algum tempo, e primeiro que saia de lá, eles andam a chatear-me um bocadinho, mas eu não estou com ideias de gastar muito dinheiro aqui porque se isto verdadeiramente é para sair, segundo o que o vereador me disse é para sair, só que...eu já fiz um pedido para eu poder andar a dançar dentro das áreas que eu acho que são viáveis para trabalho, portanto eles...ainda não responderam ao pedido...

Carlos Ferreira – A resposta deles é demolir isto...

Luís Ferreira – Agora não, agora não...já estão virados para outra...

Centro de Mar – Vamos esperar que mudem de ideias...

Luís Ferreira – Já estão um bocado virados, isso...já reuniu uma ou duas vezes com eles mas primeiro que respondam...já fizemos um pedido por escrito com o levantamento gráfico da área, para ver se nos autorizam a viabilidade do trabalho só que está parado, não avancei para a frente, enquanto não responderem eu não posso nem eles podem...

Centro de Mar – Já agora aproveito para lhe perguntar, está a pensar então seguir o caminho do seu pai?

Luís Ferreira – Não sei fazer mais nada...

Centro de Mar – Então já...pelo que estive a ouvir tem que se lhe diga...

Luís Ferreira – A minha área é esta, foi aqui que eu nasci...foi aqui que eu fui formado é a área que eu vou seguir...

Carlos Ferreira – Mas os nossos autarcas não têm respeito, não respeitam...

Luís Ferreira – Eles julgavam que isto aqui se fazia... só se trabalhava com barquinhos pequeninos, a primeira vez que eu fui abordado, eles julgavam...só que julgava que se trabalhava com barquinhos de 2000 kilos, 3000 kilos, quando abordei...os barcos que pesavam 20 toneladas ficaram um bocado...até parece que não são do distrito...

Centro de Mar – E... tem mais encomendas agora?

Carlos Ferreira – A construção está parada agora...

Luís Ferreira – Isto é mas manutenções e reparação... é a área de trabalho neste momento que está em retenção...não tenho Mis porque neste momento como estou não consigo avançar, estou preso, estou preso em tudo, não posso mexer em nada para poder restaurar, porque está tudo... tudo pendente...nem sei se hei de gastar dinheiro se não hei de...não sei se devo fazer alguma coisa, estou à espera de uma resposta para poder avançar com o projeto, que

é o que eu quero fazer, para mudar para uma área maior um bocado porque neste momento perco o trabalho por não ter condições para poder...

Centro de Mar – Mas quer construir de raiz...

Luís Ferreira – De raiz já construímos, neste momento está parado em todo lado não à, não à...as pessoas, os pescadores...na área que trabalho, basicamente para a pesca, se não houver apoios, se não houver subsídios eles não avançam e a frota pesqueira está um bocado detorada em algumas bases, só com os apoios que eles estão a dar não ajuda para eles poderem...eles não dão subsídios...só que à barcos que neste momento não compensa investir numa coisa...é um barco sempre antigo e restaurar um barco que já não vai dar condições de trabalho, segurança, todas as coisas que faz falta para a pesca porque é um trabalho de risco, para toda a gente que anda lá, as pessoas querem modernizar, fazer um barco novo para ter outras condições, as que não tem e os apoios que eles estão a dar não é viável para essa parte, e está tudo parado, em todo o lado...

Centro de Mar – Aprendeu então tudo aqui com o seu pai?

Luís Ferreira – Sim, nasci aqui e aprendi com ele e algumas coisas fui elaborando eu a partir de... vai se vendo e obriga-nos...as coisas vão evoluindo, quando vim para aqui o meu pai só trabalhava em madeira, eu trabalho em alumínio, trabalho em fibra, faço parte mecânica, faço hidrolítica... foi feito tudo...a necessidade de trabalho obrigou a assistir a formações e a poder aprender e acompanhar, se não for assim não se trabalha...

Centro de Mar – E em termos de reparações, mais ao menos e média quantas costumam fazer por dia, por ano, desculpe...

Luís Ferreira – Depende, neste momento...a fase mais apertada do trabalho é março até agora, fins de setembro, depois para, lá está, não tem condições para poder passar a porta de cima, se tivesse condições podia passar para traineiras que encalhe nesta altura...outro tipo e paragem, já podia ter trabalho constante, outubro, novembro, dezembro e janeiro e depois voltava tudo ao ciclo e formava-se um ciclo de trabalho constante que é...são fases de paragem tão diferentes do trabalho, a pesca que eu trabalho aqui na nossa

zona para geralmente março até fins de setembro mais tardar outubro e a pesca da sardinha fazem paragens a partir de outubro até fim do ano e depois começam a trabalhar de março para a frente, começam eles a trabalhar...são fases totalmente diferentes de trabalho...

Centro de Mar – E neste momento, quantos funcionários tem aqui a...

Luís Ferreira – Neste momento ninguém faz falta, trabalho eu, ele ajuda-me, quando preciso chamo, neste momento se calhar até vou chamar, tenho um serviço que vou fazer, vou ter de chamar pessoal para trabalhar porque não consigo fazer sozinho...é só quando a necessidade obriga...

Centro de Mar – Você no máximo quantas pessoas teve a trabalhar aqui?

Luís Ferreira – Já trabalhamos aqui 3, 4 pessoas...

Carlos Ferreira – Eu já trabalhei com mais, numa construção da traineira...

Luís Ferreira – Já fizemos os dois....já fizemos os dois...

Centro de Mar – Não fazia ideia...

Luís Ferreira – Depois claro tem outras pessoas que vão a outros mecânicos como nós...juntávamos um grupo de pessoas e estávamos todos a trabalhar num barco...à eletricitas, à parte de eletrónica, à mecânicos que vem de fora , também depende...8, 9, 10 pessoas a trabalhar...depende da reparação que seja, do que seja, tudo depende do tempo de reparação, se o proprietário não tiver grande pressa eu não vou estar a meter pessoal, consigo fazer eu, vou continuando...quando eles tem urgência sou obrigado a chamar pessoal para me ajudar, tem que ser mais rápido...

Centro de Mar – Já agora, explique-me aqui uma coisa, para puxar um barco destes para aqui, vocês como é que...mas tem carris?

Luís Ferreira – Temos uma carreira em madeira...

Centro de Mar – Daqui a bocado já vou...estava ali a ver...

Luís Ferreira – Uma coisa que puxa 50, 60 toneladas de força...são pesos brutos...

Centro de Mar – Já agora, trabalha aqui desde quando?

Luís Ferreira – Trabalho aqui...vai fazer agora no mês de agosto ou princípio de agosto 22 anos...

Centro de Mar – Já é uma carreira...e projetos se correr bem o que é que...

Luís Ferreira – É sair daqui e fazer uma coisa maior...

Centro de Mar – Mas sair daqui...

Luís Ferreira – Sair deste espaço, a ideia neste momento...porque também estou a ser convidado a sair, entre aspas, não quero crescer...nada de absurdo, passar um bocadinho mais a cima, porque se não, lá está, é tal coisa que eu digo para ter o trabalho todo o ano, neste momento não consigo, consigo estes barcos mais pequenos, têm sempre reparações, alguma coisa que entra pelo meio, neste caso barcos de recreio, aparecem para fazer manutenção e consegue-se conjugar, para trabalhar constante o ano todo, aí se calhar já era obrigado a ter funcionários, já era capaz de me obrigar a ter outro tipo de trabalho, já era sim obrigado a ter funcionários, a necessidade de sair daqui é alguma, mas também não vou sair daqui assim, porque não é fácil, já são muitos anos a trabalhar e eles chegarem aqui e “e tal, demolição”, isto é impressionante, eles pensavam que isto aqui estava de qualquer maneira, isto está legal, está a trabalhar no ativo, desconta, paga impostos como toda a gente e está direitinha, eles na altura quando me vieram abordar, pensavam que isto ainda estava com o meu pai, eles andavam tão às escuras que mandavam as cartas de despejo ao meu pai e já estava no meu nome há 10 anos...eles assim “tem que sair, tem que demolir porque...”, depois meti isto na mão de um advogado e depois as coisas mudaram um bocado de contexto...

Centro de Mar – É, isto sendo a única oficina...

Luís Ferreira – É, neste momento é...e mesmo assim as poucas que existem, esta e em Vila do Conde, é praticamente na zona Norte, mas a trabalhar em madeira hoje à muita pouca gente, muito, muito pouca gente...hoje se aparece um barco desses para reparar pouca gente sabe por onde lhe pegar, é o que nós vamos ouvindo, nós propriamente estaleiros com pessoas que andam a fazer vistorias, que chegam aos estaleiros, hoje não sabem... à pessoas que não sabem por onde lhe pegar e não fazem um operação como deve de ser

porque não têm gente adequada para fazer o serviço, que acontece muitas, muitas vezes isso...

Centro de Mar – Acho que já temos aqui informação, quase uma hora...

Luís Ferreira – Muita informação, muita para elaborar...

Carlos Ferreira – Vocês estão no Gil Eannes?

Centro de Mar – É, nós estamos no Centro de Mar e depois temos o Centro de Documentação, a nossa função é recolher testemunhos...está lá a exposição, já tem muita visita, muita gente vai ver aquilo, que se interessa e até sou eu que faço lá as visitas guiadas e paralelamente depois temos o Centro de Documentação, estamos a criar uma base de dados, a recolher as cartas náuticas, o diário do Gil Eannes, o 2º diário, estamos a fazer esse trabalho de recuperar as coisas, e por o meio vamos entrevistando toda a gente que está ligada à atividade marítima, pesca...a nossa missão é...

Luís Ferreira – Tentar abrir um bocado os olhos...

Centro de Mar – E recolher também para registá-lo...as histórias vão passando e pronto, nós guardamos isto...

Carlos Ferreira – Aqui não fazem nada, não fazem e também não deixam fazer, a mim nunca me deixaram fazer nada...

Luís Ferreira – Uma área grande, é assim, ou faz se...também quero apostar um bocado no recreio, se eles se querem virar para a náutica quero apostar um bocado no recreio e ter espaço para poder ajudar...ter isto aqui em Viana...

Centro de Mar – Pois, em termos de reparação se calhar vão para fora...

Luís Ferreira – Não existe, depois não tem noção dos barcos que passam aqui na nossa costa, as pessoas não tem...se calhar a Câmara até sabe...hoje se ligar um AS...um par de náutica que existe aqui fora e que passa e não para aqui porque não temos barra para eles entrarem, acontece muito isto, eu cheguei a fazer uma parceria com os que tomavam conta da marina e eles, aquilo não foi avante e eles foram para outro...

Centro de Mar – Aí...a Douro Azul? Eu sei, eu soube...Foram para Caminha não foi? Uma loca lá em Caminha

Luís Ferreira – Eles vieram reunir comigo, por causa de manutenções, reparações e não sei quê...só que aqui morreu tudo, porquê? Lá está, tudo prende, aqui não se desenvolve...eles deveriam de apoiar...

Carlos Ferreira – Eu tenho que dizer, digo ao Presidente da Câmara, digo ao Presidente da Junta, digo a todos, vocês estão a destruir a construção naval em Viana do Castelo...

Luís Ferreira – Eu tive aqui gente....disse da possibilidade de sair daqui...e eles “você não faça uma coisa dessas”, isto vai acabar, o antigo acaba por acabar...mas vai acabar, aqui neste sítio...

Centro de Mar – O seu pai já me disse...mas passa...

Luís Ferreira – Aqui neste sítio... mas eu não me importo de sair, desde que eles me deixem criar condições noutra sítio, desde que seja apoiado, oh pá...

Carlos Ferreira – Estamos a gastar aqui dinheiro e depois chegarem aqui e dá-nos um pontapé...

Luís Ferreira – Eles querem que eu faça um projeto disto, mas eu não faço, para quê? Para estar a gastar dinheiro para amanhã dizer que vamos ter que sair daqui que vai ser deslocado para acolá? Gasto aqui 7, ou 8, ou 9, ou 10 mil euros só para fazer um projeto e amanhã sair daqui para fora? Não vale a pena...cartas....mas 60 dias...tenho lá um pedido e estou à espera que me respondam há 4 meses e ainda não à resposta... é mau acabarem...acabar não acabam, só se eu morrer, ou me saia o euro milhões e eu diga “fogo, deixa...”, mesmo assim está tão entranhado no corpo que não sei se, na parte mais pequena...

Carlos Ferreira – Eu se durar mais 4 anos, nos próximos vou fazer uma exposição do meu trabalho...

Centro de Mar – Já agora onde é que está a pensar fazer? Fale connosco...

Luís Ferreira – Ainda é uma coisa a estudar, a ver...

Carlos Ferreira – Esta foi a primeira fase...

Luís Ferreira – Também há idades para tudo...porque até aqui não ligava a estas coisas...

Carlos Ferreira – Agora vou fazer a segunda fase, são quatro fases, são 4 barcos que eu vou fazer, este só fiz este, agora vou fazer diferente, são os modelos de barcos que à no nosso País, vou fazer o que é a realidade, agora vou fazer um, a parte de trás é redonda, muito bonita, é um barco muito bonito, o que vou fazer é um rabo de pardal, e depois vou fazer um modelo que veio a Portugal em 1965, trabalhei em 4, que é a poupa de bico, faz redondo e um bico assim, quase idêntico ali à proa, e depois vou fazer uma caravela...vou fazer 4, depois então é que vou fazer a exposição, vou fazer com plano geométrico e sem plano geométrico, vou fazer o que é início de trabalho com as grades e a meia-nau que se fazia antigamente, tudo vai ficar em exposição, depois vou por lá um homem a tomar conta durante as horas que tiver lá, não vai para lá e fica lá abandonado, você não imagina o que isto...eu não vendo isto por nada...mas o que isto vale...você não imagina, só à, assim como este barco, você corre o nosso País inteiro, só vai encontrar um barco, tem para aí 1 metro e meio no Museu da Marinha em Lisboa, não sei se foi o Samuel que o fez em Vila de Conde, não, está em Caverna de Sol, está lá...de resto...não encontro nada disto, as minhas amigas espanholas viessem aqui, você nem imagina...roubavam-me...são malucas por isto...

Centro de Mar – Olhe, pronto Sr^o Fitas, não lhe vou roubar mais tempo, deixe-me só tirar aqui umas notinhas, só aqui para a estatística, diga-me uma coisa....

Carlos Ferreira – Carlos Alberto da Silva Ferreira mais conhecido com Fitas...

Centro de Mar – É, aqui tem a sua alcunha... data de nascimento...

Carlos Ferreira – 28 de março de 1951...

Centro de Mar – E é natural de onde?

Carlos Ferreira – Darque, nascido, residente...criado em Darque...

Centro de Mar – E já agora, nome do seu pai?

Carlos Ferreira – José Maciel Ferreira...mas conhecido pelo Zé Regalado...

Centro de Mar – Boa alcunha, e da mãe?

Carlos Ferreira – Maria da Guia da Silva...